

maio/2021

Revista *Verlidelas*

edição nº 11

a alquimia
lírica de
Rosemarie
Schossig
Torres



VERLIDELAS

maio/2021

Sumário

ENTREVISTA & POESIA ... 03
Rosemarie Schossig Torres

CONTO ... 10
O Sumiço
André Eitti Ogawa

RESENHA ... 16
O Grande Mágico Euqirneh

DEBATE ... 17
**Escritores Perguntam,
Escritores Respondem #2**
(Viver de literatura)

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:
•Sergio Carmach

Editora assistente:
•Luzia Barbosa

Fotos de Rosemarie:
•Arquivo pessoal

Revisão, diagramação e arte:
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com
www.verlidelas.com
www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora
CNPJ 27.850.067/0001-71
Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

"Mas há os que riscaram do mapa a agonia / e rabiscaram sobre ela palavras de alento. / Escreveram nos muros beleza e harmonia." Com esses significativos versos, abrimos a entrevista desta edição, na qual a autora Rosemarie Schossig Torres fala de sua jornada catártica pelo mundo da poesia. Uma história inspiradora que vale a pena ser lida. Em seguida, um divertido conto tirado da antologia "[Histórias do Cotidiano](#)", livro que tem a participação de ótimos escritores, cada um abordando de seu jeito alguma situação inusitada do dia a dia. Antes da seção de debates – que traz mais uma pílula tirada do livro "Escritores Perguntam, Escritores Respondem", desta vez falando sobre viver de literatura – uma resenha de Fabio Shiva apresenta a nova incursão da Verlidelas pelo

universo infantil. Vamos à leitura? Boas descobertas e boa diversão!



Luzia Barbosa

Apoiam esta edição:



Conheça



Conheça



Conheça



Conheça

entrevista

POR SÉRGIO CARMACH

Jornalista, passou por uma série de adversidades até se encontrar na poesia, que lhe serviu de catarse. Hoje, além de compor versos, cultiva outra paixão: fotografar a flora e a fauna do cerrado, que aprendeu a amar em suas caminhadas. Essa conexão com a natureza é revelada no livro solo que lançou pela Veridelas, "A Invenção da Beleza"

rosemarie
schossig torres



*“Mas há os que riscaram do mapa a agonia
e rabiscaram sobre ela palavras de alento.
Escreveram nos muros beleza e harmonia.”*

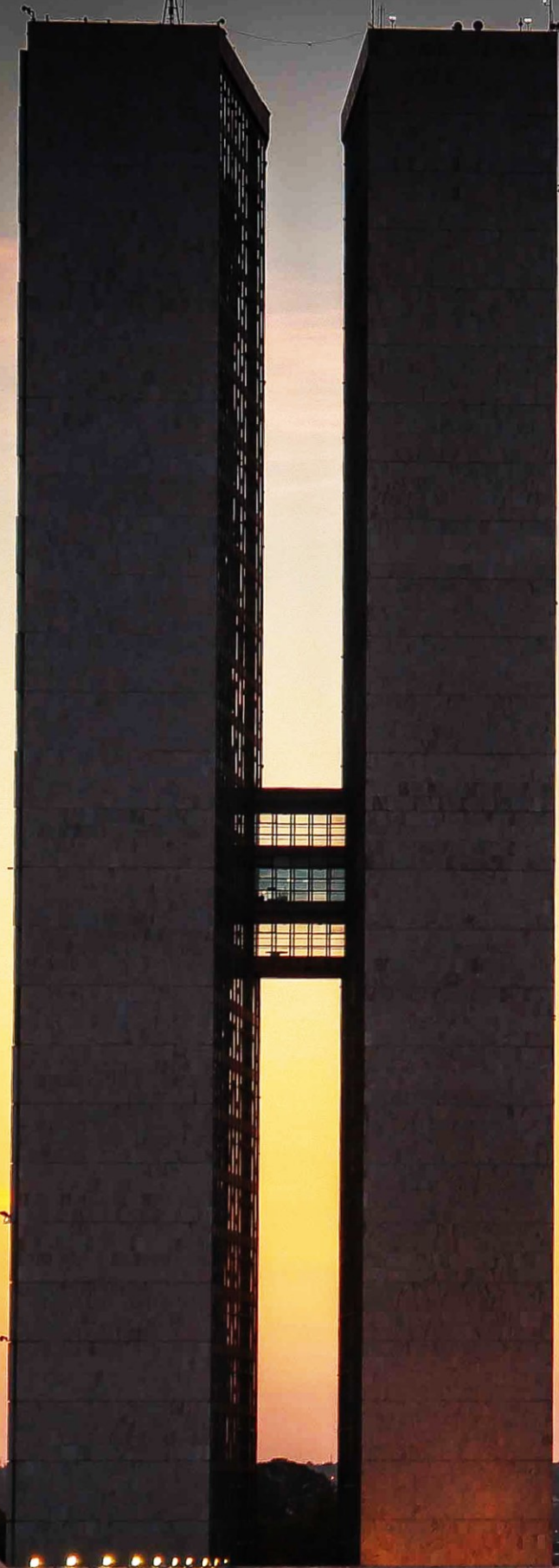
Fale um pouco de você e sobre como se tornou escritora.



Interessante estar do outro lado. Sempre fui a entrevistadora. Bem, desde cedo criei um gosto pela leitura. Eu era daquelas crianças que viam o livro como um brinquedo. Portanto, a escrita foi quase um destino, mas levei tempo para encará-la a sério. Sou de cidade muito pequena, então para seguir estudando tive que sair de lá. Fomos, meus irmãos e eu, estudar em Curitiba, capital de meu estado. Fiz o vestibular em vários lugares e acabei passando na Faculdade Metodista de São Bernardo do Campo, hoje universidade. Essa mudança para São Paulo trouxe sofrimentos e deslumbramentos. Amadureci muito. Atuei um tempo como jornalista na cidade em trabalhos de pouca monta, para adquirir a tal da experiência. Foi uma época cansativa, cheia de incertezas, mas também muito rica, até que por fim decidi mudar para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, onde residia minha mãe. Fui contratada como redatora de rádio. Interessante que, antes disso, um de meus professores me achava telegráfica e dizia que eu deveria trabalhar justamente nesse ramo. Nessa época, eu escrevia pequenos contos, comecei



um romance e até compunha poesias, mas sempre como uma espécie de jogo, uma atividade lúdica, só para distrair ou simplesmente colocar os pensamentos no papel. Descobri que tinha ideias muito efêmeras para ser romancista. Assim, adquiri o gosto por escrever “na vertical”. Numa das minhas férias, quando fui visitar meus irmãos em Maceió, conheci meu futuro marido, Victor, que estava terminando o curso de Engenharia. Ele foi uma linha divisória em minha vida. Tudo mudou. Deixei meu cargo de redatora executiva após um ano e meio em Campo Grande e fui com ele para Lima, onde vivi seis meses. Lá, fiz alguns cursos de redação jornalística, pois tencionava viver no Peru. Mas não suportei a umidade do inverno limenho por ser asmática, e tive de voltar. Acabamos por nos separar durante um tempo. Finalmente, casamos e fomos viver em Goiânia, porém nada deu certo para nós nessa cidade. Assim, viemos parar em Brasília, onde trabalhei em um jornal semanal. Muita coisa aconteceu depois. A epilepsia de meu filho me levou a abandonar o jornalismo e tornei-me dona de casa e mãe em tempo integral. Anos mais tarde, meu marido tornou-se paciente renal crônico, e após um transplante malsucedido veio a falecer. Nessa época, eu participava de vários grupos literários na internet e a escrita já havia se tornado uma companheira inseparável.



A passagem pelo jornalismo exerce alguma influência em sua poesia?

Trabalhei basicamente com redação para rádio, e tive uma passagem rápida por revistas mensais e um jornal semanal. Creio que o jornalismo de certa forma retardou o aparecimento da poeta. Primeiro porque essa atividade matava minha “fome de escrever”. Segundo porque notícia de jornal não é exatamente uma inspiração para se criar versos. É mais comum o jornalista, ao se dedicar à escrita literária, optar por crônicas e ensaios, estilos híbridos entre a literatura e o jornalismo. Fui na contramão daquilo que seria o natural, embora

tenha demorado anos para encarar a composição poética a sério. De bom, o jornalismo me deu fluência e conhecimento prático da língua. O hábito de ler, que nunca abandonei, também exerceu uma influência fundamental em minha escrita. Sempre li de tudo, em vários estilos (inclusive poesia); bem, por incrível que pareça, nunca me dediquei muito à literatura não ficcional.

Você costuma dizer que a entrada no mundo dos versos foi uma espécie de catarse. Por quê?

Quando me tornei dona de casa em tempo integral, comecei a ler e escrever com mais intensidade para preencher a lacuna deixada por minha saída do jornalismo. A televisão nunca me atraiu, nem

profissionalmente, nem como lazer; e o ofício da escrita me fazia falta. A morte de meu pai, creio, foi o estopim de tudo. Comecei a escrever com ânsias de desafogar a dor que eu estava sentindo. Mas fazia isso como quem se olha no espelho. Não havia nenhuma pretensão artística. Na época, eu frequen-

tava o fórum de um conhecido “cantautor” espanhol, Joaquín Sabina. Lá, vários membros postavam seus poemas. Resolvi então colocar os meus, traduzidos para o espanhol. Foi a primeira vez que considerei a figura do leitor, e esse fato revolucionou minha escrita. Percebi que precisava mudar o foco se quisesse ser lida. Um pouco mais tar-

Creio que o jornalismo de certa forma retardou o aparecimento da poeta. Primeiro porque essa atividade matava minha “fome de escrever”. Segundo porque notícia de jornal não é exatamente uma inspiração para se criar versos.

de, entrei no Orkut. Nesse período, fui convidada para participar da NOP – Nova Ordem Poética, onde aprendi muito. Mas em casa tudo foi ficando mais difícil. Veio a viuvez e novamente a poesia se tornou meu ombro amigo. Só que eu já encarava o ato de poetar de outra maneira.

Por meio de duas formas de expressão artística, a poesia e a fotografia, você mostra sua paixão pela natureza. Conte-nos sobre essa relação.

Sou de cidade do interior, e meus pais tinham uma chácara. A natureza sempre me cercou, não como simples paisagem, mas como parte do cotidiano. Sentia muita falta disso quando me mudei para São Paulo. Logo após me casar, vim morar em área



Como foi o processo de composição do livro “A Invenção da Beleza”?

Foi um processo de escrita passo a passo, fluiu lentamente. A primeira ideia para um livro surgiu há muitos anos e tinha até título, igual ao de uma poesia que jamais terminei: “Versos Míopes”. Victor, que gostava de desenhar, até havia esboçado uma capa. Mas mudei meu pensamento durante os anos e esse poema deixou de me falar ao coração. Nos tempos do Orkut, enveredei por vários projetos de coletâneas que acabaram não chegando a lugar algum. Creio que a Verlidelas apareceu no momento certo. Encontrou-me mais madura como escritora e já com muitas poesias prontas. “A Invenção da Beleza” é um trabalho do qual muito me orgulho, e a confecção do livro foi feita com esmero, sem pressa.

Participar de grupos literários é importante para você?

Sim, além de me aproximarem de outros poetas com os quais posso interagir, as oficinas de poesia me mantêm ativa, e nos momentos de falta de inspiração me dão o necessário empurrão para continuar escrevendo. Também funcionam como um desafio, fazendo-me enfrentar temas novos, que eu talvez nunca abordaria. Isso me traz

rural, em pleno cerrado, onde a natureza voltou a ser meu cenário e palco em tempo integral. Então, vi de perto problemas como o desmatamento e as queimadas. Registrar em fotos toda essa beleza e também suas mazelas me pareceu quase uma obrigação. A contemplação da natureza ensinou-me muitas coisas, como a paciência, e muitas vezes a aceitação, a resignação; e ela se tornou uma de minhas musas. Não demorou para os registros fotográficos, que traduziam meus sentimentos, começarem a virar palavras, e depois versos, numa alquimia envolvendo imagem e poesia.

agilidade na escrita e aprendizado. Por fim, ler poetas desconhecidos da grande mídia é um ótimo exercício para meu olhar poético e senso crítico. É uma oportunidade de analisar as poesias dos colegas e, em consequência, também as minhas.

Tem projetos em andamento?

No momento, não. Embora eu tenha várias poesias prontas, que juntas dariam para confeccionar um novo livro, falta uma unidade. O ano de 2020 foi difícil. Muitas preocupações em casa, a quarentena e o medo de me infectar (faço parte de grupo de

risco) deixaram-me sem concentração, inclusive para ler. Aos poucos, estou voltando a me exercitar na escrita. Embora a pandemia ainda continue por aí fazendo vítimas, vamos aprendendo a nos cuidar e também a lidar com ela.

Gostaria de mencionar alguns livros e autores que admira?

O ano passado foi atípico e acabei lendo coisas diferentes, como literatura de entretenimento. Também revisei clássicos que admiro desde sempre, buscando não sair de minha área de conforto. Na poesia, meu livro de cabeceira é “Antologia

Poética”, de Carlos Drummond de Andrade. Sou igualmente atraída pelas formas clássicas. Gosto dos sonetistas portugueses Florbela Espanca e Antero de Quental, de Olavo Bilac, dos simbolistas, como Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens. Creio que a influência desse estilo mais formal pode facilmente ser vista em meus versos. Na realidade, em matéria de poesia leio de tudo, tanto para aprender como para me inspirar. De vez em quando, garimpo poetas novos pela internet. Uma que me impressionou bastante foi Wisława Szymborska, embora tenha lido apenas poemas esparsos. ■



Sem pressa

Sem pressa, como uma pluma
dessa nuvem; feito floco sou.
Aflição sem efeito; vento levou.
Zéfiro os tormentos desarruma.

Lento nevoeiro, berço de espuma,
que minha dor pelo avesso virou.
Em seu alvor a alma se aninhou.
Aura em calma todo breu esfuma.

Por fortuna a paz comigo repousa.
Dormente jaz o sofrimento que doía.
Agonia sem gás noutra via pausa.

Lá atrás, ao relento, desgosto esfria.
Monstro deposto, retornar não ousa.
Esquivo o rosto do azar; vem alegria!

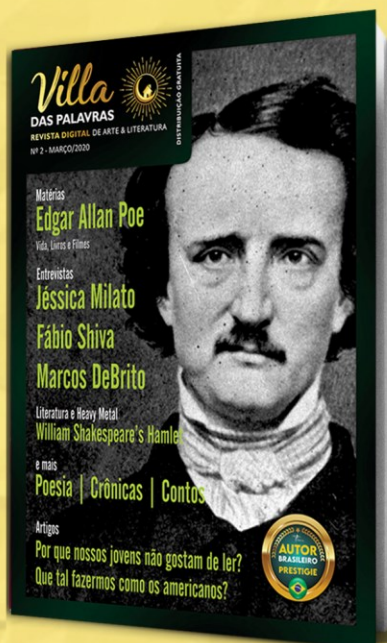
se você gosta de revistas literárias...



— conexão — Literatura

Visite:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/>



Visite:

<https://www.adrianovilla.com.br/>

A photograph of a woman from behind, walking on a paved street. She is wearing a blue short-sleeved top with a white leaf pattern, a grey skirt with a wide white border, and a dark blue headscarf. She is barefoot. To her right is a silver car. In the background, another car and a red and white striped traffic cone are visible.

Conto

André Eitti
OGAWA

o
Sumiço

QUANDO NEUSA APERTOU COM O POLEGAR direito o botão do alarme, não escutou o ruído tradicional do mundo sonoro dos automóveis: bip-bip. Tudo bem: a cidade estava agitada e barulhenta, era início do mês e zanzavam para lá e para cá as gentes do campo, com suas sacolas de compras abarrotadas de coisas. Falavam alto, comiam pastel, chupavam cana. Fato é que Neusa não pôde encontrar o seu veículo – uma Belina reformada no estilo funerária – a qual estacionava sempre no mesmo local, debaixo de uma centenária jaqueira no centro de Pardalzinho.

– Vai espatifar as maduras no vidro da frente, dona Neusa – alertavam sempre.

– Não vai, não – respondia.

– Vai cair a jaca na lataria, dona Neusa.

– Não vai, não – repetia, com seu jeito doce e despreocupado.

Mas, desta vez, esse não era o caso. Não estava lá o seu carrinho, bem postado como sempre, enfeitado com adereços balançantes no retrovisor dianteiro e cachorrinhos obedientes no painel. Num último suspiro, Neusa apertou os olhos, como se lançasse um zoom, e procurou mais uma vez por seu auto. Nada feito.

Na busca pela “banheira velha”, que é como seus netos apelidaram a Belina anos noventa equipada, Neusa passou pela venda de cachimbos do Armindo, pela locadora de fitas do Abraão, pela padaria do Venâncio, pela bodega do Acácio, pela loja de flores de Bartira. Tudo em vão. Nem sinal ou quaisquer vestígios do belinão.

Causou certo furdunço na cidade uma velhinha a investigar todas as ruas com seus passos curtos e pulados, apertando um controle de alarme e apontando o instrumento para todos os lados e pessoas. Uma criança, daquelas de fácil interação, com uma das mãos atadas às de sua mãe, devolveu a apontada de Neusa com um tiro de sua arma feita de dedos. Um bêbedo que passava desviou-se com o corpo, pois sabe-se lá o que poderia sair daquele objeto preto com botões. Um cachorro com fome latiu.

Cinco ou seis passantes se mobilizaram pela causa, buscaram pelas esquinas, olharam ao longe, inquiriram pessoas, mas, ao final, coçaram a cabeça e foram embora atrasados para o serviço, pensando que desculpa dariam ao patrão. Até o pároco se envolveu, contudo, diante da complexidade do caso, se ateve a prometer uma oração para que tudo se restabelecesse e o bem voltasse à dona.

Neusa não costumava ter embarços com a memória, aliás, tinha a “cabeça boa”, como dizia o médico da família. Fazia contas com





destreza, dava lições de costura às terças e quintas, tocava sozinha seu negocinho de confecções e remendos de roupas. Entregava as encomendas sempre com atraso, mas tudo muito bem-acabado. Suas clientes nunca reclamavam. Gostava de consertar a roupa dos sobrinhos e netos quando vinham lhe fazer uma visita. Olhava de cabo a rabo os meninos e as meninas, os rapagões e as moçoilas. E, quando achava um burquinho aberto no pano, já corria para pegar a linha de costura e as agulhas. Fazia tudo no seu próprio tempo, independente se passavam ali os visitantes para um pulinho ou para uma estada de horas.

Desde que Manolo, o companheiro de vida, falecera do coração, a casa em que habitava ganhara novos moradores. De manhã, o falatório era tão intenso entre Ermínio e José, os dois papagaios-galegos, que pareciam até estar no meio de uma contenda insolúvel, num jogo de cartas ou em um discurso inflamado para as massas. Perto do almoço, saltitavam como dançarinos de circo os três irmãos vira-latas, e quando chegava o arroz com carne de cada dia o regozijo era tal, que mijavam uns sobre os outros ou em quem estivesse na mira. Os peixes do aquário eram Silas, o curioso, e Riquinho, o enfezado. Moravam todos em harmonia, ali, na porção noroeste de Pardalzinho.

Depois de envolver até o prefeito e o delegado, Neusa sentou-se ofegante no banco da praça central, em meio às palmeiras imponentes. Depositou duas de suas sacolas sobre os pés e respirou fundo. Já havia chegado à conclusão de que seria inevitável passar pelo escritório de Fabrício, seu filho do meio, e lhe relatar o sumiço da Belina. Desejava evitar o encontro nessas circunstâncias: sabia que o filho reagiria mal, ficaria com o rosto vermelho e as veias lhe saltariam do pescoço, feito cobras dando bote. Foi por esse motivo – as cobras no pescoço do filho – que Neusa adquirira uma indomável fobia por esses animais peçonhentos que por vezes apareciam no quintal, um mal que o psicólogo da cidade diagnosticara como “mal de víboras” e a benzedeira como ofidiofobia.

No escritório, Fabrício batia na máquina de escrever o décimo ofício do dia. Uma trupe de clientes se enfileirava diante do balcão, todos muito suados e se abanando com pastas e resmas. Um ventilador funcionava coxo e emitia um ruído irritante, em meio ao som de carimbadas sobre a mesa e o tec-tec incessante das máquinas de escrever. Apavorava-se Fabrício com toda aquela gente, sabia que muitos seriam ríspidos e o tratariam como se estivessem pagando, e de fato estavam. Tentava apressar a digitação dos documentos,



atrapalhava-se e tinha que recorrer à borracha já quase totalmente consumida. Enfurecia-se consigo mesmo e tinha vontade de soltar impropérios ou esmurrar o que ou quem estivesse à sua volta. Por um minuto, quase num desvario, passou os olhos nas pessoas que aguardavam. Foi analisando face por face, expressão por expressão, os trejeitos, os tiques, as falhas e os detalhes corporais de cada um; agora pareciam se mover como num filme em *slow motion*. Ao dar por si, notou uma cabecinha tentando de forma insistente olhar por sobre os ombros dos que estavam mais atrás. A desvantagem na altura a fazia dar pulinhos. Movia-se feito um animal enclausurado numa jaula apertada. Quando finalmente uma clareira se abriu, os olhares se cruzaram e o filho pôde ver a mãe e a mãe pôde ver as cobras se enrolando em torno do pescoço do filho. Neusa saiu correndo dali, antes que os chocalhos comesçassem a ressoar.

Em disparada, pensava em seus bichinhos, que nestas horas já deviam estar a preparar um levante contra o atraso na entrega dos alpistes e rações, obviamente liderados por Riquinho. Voltou ao mesmo banco de jardim na praça central, sentou-se e depositou sobre os pés a sacola que lhe restou, já que as demais se perderam pelo caminho. Limpou os óculos com um paninho, distraiu-se com a revoada de maritacas e ajeitou as costas no banco. Sentiu o cheiro adocicado das flores e escutou o farfalhar das palmeiras. Observou as abelhas-operárias fazendo jus ao nome e notou que os ipês estavam para aflorar. Fitou as pessoas em sua lida, se mexendo, descendo e subindo pelas vias e calçadas. Viu as bicicletas estacionadas na bodega de Acácio, onde começava a se reunir o povo da caninha. Viu um jovem apaixonado saindo com um arranjo de rosas da loja de Bartira. Viu sair da locadora de Abraão um garoto com sua mochila cheia de fitas e sentiu o cheiro quente do pão recém-forneado por Venâncio. Viu que velhos cachimbavam com produtos de Armindo. Por fim, observou as gentes do campo entrando em seus ônibus, as sacolas mais abarrotadas que antes, todas rumando às suas vivendas, onde certamente brindariam à vida e à despensa cheia. Pensou em Fabrício e suas víboras. Pensou nos netos e sobrinhos e como estaria a situação de suas roupas. Sentiu um alívio, uma paz de espírito. Percebeu as pernas cansadas e se lembrou de que havia vindo a pé para o centro de Pardalzinho.

■ ■ ■



André Eitti Ogawa

É natural de Garça, município do interior de São Paulo. Neto de imigrantes japoneses, foi desde cedo estimulado pela família a ler e escrever. Atualmente reside em Florianópolis – SC, onde se pós-graduou em História. Trabalha como técnico em assuntos educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Mestre em Educação, pesquisa sobre a vida e obra do filósofo húngaro István Mészáros. É militante de movimento social, autor de obras premiadas em diversos estados brasileiros e participante de algumas antologias.

Literagindo

leitura inclusiva

O Literagindo foi idealizado pela jornalista cega Lúcia Mara Formighieri, que atuou como voluntária em projetos de inclusão social em Brasília e na webrádio portuguesa Sons do Tempo. Com textos de qualidade, o *blog* é voltado a pessoas com deficiência. Seu principal propósito é permitir a acessibilidade aos livros por meio da leitura inclusiva, que também é apresentada ao público geral. A partir de obras literárias diversas, o Literagindo realiza uma interação com o leitor, seja indicando livros, narrando histórias do cotidiano, respondendo aos comentários do público-alvo ou transmitindo um conteúdo acessível que visa prioritariamente a transformação da vida das pessoas.

<https://literagindo.com.br/>



IG LITERÁRIO de
Van Brevelhier

https://www.instagram.com/van_brevelhier/



Van Brevelhier



POR FABIO SHIVA

Músico, escritor e produtor cultural. Autor dos livros "Favela Gótica", "Diário de um Imago" e "O Sincronicídio", dentre outros. Coautor e roteirista de "ANUNNAKI – Mensageiros do Vento"



**O GRANDE MÁGICO
EUQIRNEH (Verlidelas)**

Tia Nó está de volta com mais uma deliciosa aventura para encantar crianças de todas as idades! Dessa vez, vamos acompanhar a jornada do Grande Mágico Euqirneh (será que você já adivinhou o segredo desse nome?) e sua divertida trupe, formada por duendes, elefantes e até um casal de cachorrinhos da raça viralatês. Essa turminha vai se apresentando de cidade em cidade, sempre levando muita música e alegria, até chegar em um lugar onde vive um homem muito rico e

muito triste, que mora sozinho em seu castelo. E é então que Euqirneh encontra um desafio à sua altura: ele vai conseguir tirar a tristeza do coração do senhor Tristonho? E nessa aventura o grande mágico precisa ficar atento, pois o ardiloso feiticeiro Acbar está à espreita, soltando fumaça pelas ventas e querendo encher de medo o coração das pessoas...

A escritora Noélia Barreto Bartilotti possui o inestimável talento dos verdadeiros contadores de histórias para os pequeninos: tem o poder mágico de se transformar em menina e, assim, enxergar o mundo com olhos de inesgotável encantamento, como só uma criança é capaz de fazer. É essa a poderosa magia de suas histórias infantis, que transportam os pequenos leitores para mundos encantados e fazem os adultos voltarem à infância. ■



O projeto “Escritores Perguntam, Escritores Respondem” traz um debate literário divertido, e ao mesmo tempo muito sério, entre doze autores de diferentes tendências. Lançada originalmente em formato físico pela editora Cogito, a obra será disponibilizada em breve pela Veridelas, que também publicará trechos do bate-papo aqui na revista. Nesta segunda pílula, o autor Ben Oliveira faz uma pergunta sobre **viver de literatura**



ALEXANDRE
BHERING



BEN
OLIVEIRA



FERNANDO DE
ABREU BARRETO



IVAN DE
ALMEIDA



MOGG
MESTER



SERGIO
CARMACH

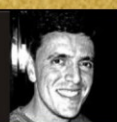
ANORKINDA
NEIDE



FABIO
SHIVA



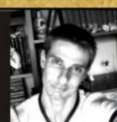
GUSTAVO
ARAUJO



MAUREM
KAYNA



RICARDO
BELLISSIMO



SIMONE
MARQUES





Sobreviver de literatura no Brasil é algo alcançado por poucos

escritores em um mercado editorial que ainda prioriza a tradução de autores internacionais. Os incentivos são poucos, embora o amor ao ofício seja o que dá sentido à Jornada do Escritor. Quando nem sempre as condições de produção são as ideais e nem sempre o universo parece conspirar a favor, como fazer para não desistir da escrita?



IVAN DE
ALMEIDA

Esse contrassenso é a marca do nosso país de corruptos, de uma

elite perversa. São heranças do maldito colonialismo, da exploração portuguesa. No Brasil, não se melhora a educação e a cultura porque essa mentalidade atrasada persiste. Quem deseja fazer literatura tem de ultrapassar verdadeiras muralhas para prosseguir. Tudo isso é uma triste realidade.



MAUREM
KAYNA

Essa realidade se repete mesmo em países com menor nível

de corrupção e muito melhor nível educacional. Penso que a dificuldade para novos escritores sempre existirá e é preciso ter noção de que nesse ramo o “sol” sempre será para poucos. Não são poucos os exemplos de grandes autores que nunca viveram da escrita e, assim, tinham outras profissões. Muitos, aliás, jamais lamentaram isso e até consideravam o exercício da profissão como um necessário sustentáculo de sua criação, não no sentido monetário, mas de bagagem mesmo. Por exemplo, Scliar e Tchekov, que eram médicos.



GUSTAVO
ARAÚJO

Escrever deve ser, antes de tudo, um prazer. Viver de literatura

é uma utopia. Certa vez li que nem mesmo Luis Fernando Verissimo conseguia tal proeza. Por

isso, tenho para mim que – se o aspirante a escritor busca o sucesso comercial, lucro – é melhor partir para outra. Sim, o mundo é perverso e o capitalismo faz com que se busque, sempre, o lucro. Novatos raramente terão alguma chance no circuito editorial que está consolidado. E mesmo aqueles que conseguem quebrar essa barreira, digo, mesmo aqueles que se veem publicados por grandes editoras, têm nada mais que um falso vislumbre de sucesso. Embora publicados e com livros em *megastores*, a verba para publicidade é próxima do zero. Ou seja, ainda que publicado por uma grande casa, o escritor novato ficará restrito a uma prateleira nos fundos das livrarias de *shopping centers*. Cientes disso, as editoras de renome preferem, por óbvio, jogar suas fichas em nomes consagrados e em sucessos comerciais no além-mar. Não há como perder dinheiro e, no fim, mais do que qualidade literária, é isso o que importa. Não há, assim, como desejar o sucesso comercial simplesmente, porque não se tem as ferramentas para tanto. Nesse contexto, creio que a maneira para não desistir da escrita repousa no compartilhamento do seu trabalho. Escritores gostam de dinheiro (não me entendam mal), mas gostam também de ouvir o que os outros pensam de seus trabalhos. A sensação de ouvir alguém dizendo “gostei muito do que você escreveu”, “aquele seu conto é ótimo”, “chorei com a sua história” é quase tão bom – para alguns é, na verdade, até melhor – quanto receber 10% do valor de capa. Cada vez que escuta um comentário, que recebe um *feedback*, ou mesmo uma crítica, o escritor desconhecido do grande público reúne forças para seguir em frente. Não que abandone o sonho de ter um livro publicado, mas pelo menos passa a entender que não deve ser esse o principal objetivo na vida de quem escreve. Redes sociais estão aí para isso. É possível atingir um público que há vinte anos nem se cogitava. É possível chegar até pessoas que jamais conheceriam seu trabalho. Sem intermediários, sem falsas esperanças e sem decepções com editoras ou livrarias. ■

Nas ondas do rádio

Todo sábado
um novo tema

ATMOSFERA LITERÁRIA com Fabio Shiva

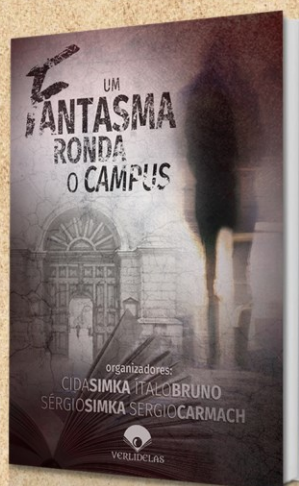
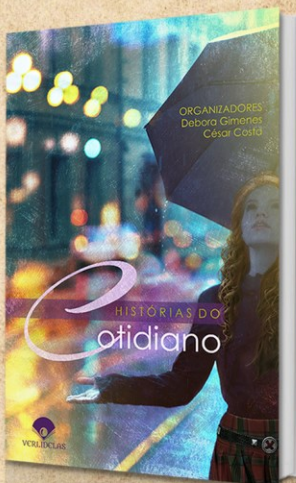
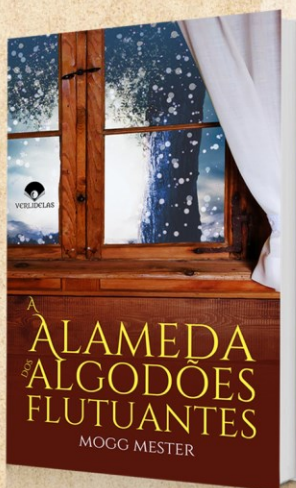


“Atmosfera Literária com Fabio Shiva” é um quadro do programa
ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando
Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

[Confira online](#)

Apoio: Verlidelas Editora

contos



em breve:



VERLIDELAS

visite nossa loja